



B. Miura/Divulgação

#cm
2
SEGUNDA-FEIRA

ENREDOS DE UMA VIDA

O cantor e compositor **Arlindinho apresenta** a primeira parte do **seu novo audiovisual**, intitulado **“Minha Vida é um Enredo”**, gravado no Baródromo, **espaço tradicional da Lapa** para os apaixonados por **samba e carnaval**.
Página 2

O samba-enredo como herança

AFFONSO NUNES

Filho do inesquecível Arlindo Cruz (1958-2025) e criado entre rodas de samba, instrumentos e o fervor das escolas de samba, Arlindinho sempre soube que seu destino estava entrelaçado ao carnaval. Aos 33 anos, o cantor, compositor e multi-instrumentista lança a primeira parte de "Minha Vida é um Enredo", projeto audiovisual que celebra a força e a poesia dos sambas-enredos que marcaram época.

Gravado no Baródromo, reduto tradicional do samba e do carnaval carioca, o projeto traz um repertório cuidadosamente selecionado. São nove sambas-enredos que vão de 2006 a 2024, incluindo composições autorais de Arlindinho, releituras de clássicos imortalizados pelas agremiações cariocas e, especialmente, homenagens ao trabalho do pai, cuja trajetória como compositor e intérprete consolidou-se como uma das mais importantes da música brasileira. A direção musical ficou sob responsabilidade de Tomaz Miranda.

Abrem o trabalho composições recentes como "Fala, Maje-té! Sete Chaves de Exu", samba-enredo da Grande Rio de 2022, e "Ô Zeca, o pagode onde é que é?", também da mesma escola, de 2023. Na sequência, Arlindinho revisita "O Império do Divino", da Império Serrano de 2006, enredo que traz a assinatura de Arlindo Cruz. O repertório segue com "Hutukara", do Salgueiro de 2024, tema que aborda a cosmologia yanomami, e "Você semba lá... que eu sambo cá! O canto livre de Angola", da Vila Isabel de 2012, que celebra as raízes africanas do samba.

Arlindinho também resgatou "Dom Quixote de La Mancha, o cavaleiro dos sonhos impossíveis", da União da Ilha de 2010, e "Dona Ivone Lara: o enredo do meu samba", da Império Serrano de 2012, uma reverência à primeira-dama do samba. Completam o set "A incrível história do homem que só tinha medo da Matinta Pereira, da Tocandira e da Onça Pé de Boi!", da São Clemente de 2015, enredo que mistura folclore e humor, e "Poemas aos Peregrinos da Fé", também da Império Serrano, de 2015, encerrando a primeira parte com poe-



Arlindinho celebra a tradição de grandes carnavales e homenageia a memória do pai, Arlindo Cruz

sia e espiritualidade.

Para Arlindinho, esta produção é a realização de um desejo antigo. "Esse projeto é mais um sonho realizado. Como já disse

em várias entrevistas, o meu primeiro desejo como cantor era ser intérprete de samba-enredo, então hoje poder ter subido no palco e cantado vários sambas meus e de referências minhas é como um sonho de menino se realizando", declarou o artista, emocionado com o resultado do trabalho.

Apadrinhado artisticamente

B. Miúra/Divulgação

Divulgação



“O meu primeiro desejo como cantor era ser intérprete de samba-enredo, então hoje poder ter subido no palco e cantado vários sambas meus e de referências minhas é como um sonho de menino se realizando”

ARLINDINHO

"Beco Do Rato)", lançado recentemente em 2025, o cantor vem construindo uma trajetória que equilibra respeito à tradição e renovação do samba. Sua atuação como multi-instrumentista também amplia as possibilidades criativas, permitindo que transite com desenvoltura entre diferentes vertentes do gênero, do samba de raiz ao samba-enredo, do pagode às composições mais autorais.

Arlindinho reafirma seu lugar como uma das vozes mais importantes da nova geração do samba carioca, honrando o legado paterno e, ao mesmo tempo, caminhando com as próprias pernas. Ainda não há previsão para o lançamento da segunda parte do audiovisual.

Nas cores de Heitor dos Prazeres

Vila Isabel vai tingir a Sapucaí com o legado do compositor e pintor que levou a carioquice às suas telas e canções

RAFAEL LIMA

A Unidos de Vila Isabel apostam em um desfile de forte identidade estética, ancestral e poética para o Carnaval de 2026. Com o enredo "Macumbembê, Samborembá: Sonhei que um sambista sonhou a África", a escola propõe uma imersão no universo criativo de Heitor dos Prazeres, sambista, pintor, compositor e um dos grandes nomes da cultura popular brasileira.

Desenvolvido pelos carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora, o enredo não segue uma linha biográfica tradicional. A proposta é costurar sonhos, memórias, imagens e símbolos que atravessam a obra de Heitor, conectando a Pequena África carioca a uma África sonhada, reinventada e celebrada como território espiritual, artístico e comunitário.

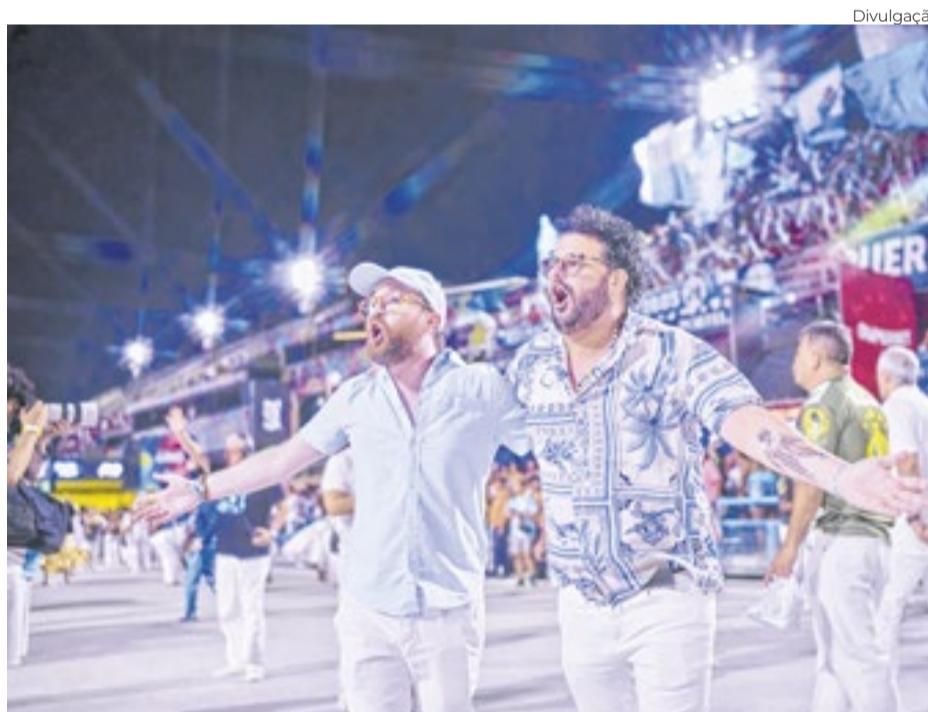
Heitor dos Prazeres foi um artista múltiplo, com atuação marcante na música, nas artes visuais, no figurino, na cenografia e no próprio surgimento das escolas de samba. Sua obra remete ao cotidiano do Rio de Janeiro negro, com os terreiros, os quintais, as rodas de samba e os espaços onde a cultura afro-brasileira floresceu.

Segundo Gabriel Haddad, transformar esse universo multifacetado em desfile foi um dos grandes desafios criativos do projeto. "Foi muito interessante pensar o trabalho relacionado a um multiartista como o Heitor dos Prazeres, que atuava nas artes visuais, na música, na literatura, na marcenaria, na costura e, claro, como sambista. Como reunir todas essas referências em alas, alegorias e no próprio samba-enredo foi uma grande construção", explica.

Ao Correio da Manhã, Gabriel destaca que a escola buscou inspiração na obra, sem reproduzi-la



Divulgação
Imagem do ensaio técnico da Vila Isabel na Sapucaí: desfile vai focar na relação da obra de Heitor dos Prazeres com a africidade



Divulgação
Gabriel Haddad e Leonardo Bora, a dupla de carnavalescos da Vila Isabel

“Foi muito interessante pensar o trabalho relacionado a um multiartista como o Heitor dos Prazeres, que atuava nas artes visuais, na música, na literatura, na marcenaria, na costura e, claro, como sambista” **GABRIEL HADDAD**

literalmente. "A ideia nunca foi copiar ou refazer as telas do Heitor na Avenida, mas retirar referências, imagens poéticas, as cores, as formas dos personagens e levar isso para o nosso desfile. A gente observou muito as estamparias presentes na obra dele, a paleta de cores e a maneira como ele representava o cotidiano", completa.

Um dos eixos centrais do enredo é a relação entre samba e ma-

cumba, tema recorrente tanto na obra quanto no pensamento de Heitor dos Prazeres. Para Haddad, essa conexão atravessa a visualidade e o conceito do desfile. "O que ele falava sobre a criação do samba, sobre a relação do samba com a macumba, é um dos motores do nosso enredo. Ele pintava essa macumba urbana, essa macumba carioca, presente nas salas, nos quartos, no cotidiano das casas", afirma.

Elementos simbólicos desse universo estarão presentes nas fantasias e alegorias, como pisos de taco, instrumentos musicais que dialogam com o samba e com os rituais, pontos riscados, estrelas, velas e referências diretas aos terreiros e às práticas religiosas afro-brasileiras. A proposta é transformar a Avenida em uma grande tela viva, onde fé, arte e música se confundem e se complementam.

A perspectiva das telas e a sensação de profundidade visual também são conceitos explorados pelos carnavalescos. A ideia é transportar para o espaço cênico da Sapucaí a sensação de estar dentro das pinturas de Heitor, com personagens, ambientes e cores criando camadas de leitura e emoção para o público.

Outro ponto central do enredo é a conexão Brasil-África, construída a partir de um episódio histórico pouco conhecido. Heitor dos Prazeres foi um dos artistas escolhidos para representar o Brasil no primeiro Festival Mundial de Artes Negras, realizado em Dakar, no Senegal, em 1966.

"A relação África-Brasil se dá no nosso enredo por conta da participação do Heitor nesse festival. Ele foi pessoalmente, expôs obras e também foi representado por um documentário. E a própria Vila Isabel também esteve presente nesse momento histórico, representada pelo documentário Nossa Escola de Samba, que mostrava a ascensão da escola até o Grupo Especial", revela Gabriel.

Esse encontro simbólico entre Heitor dos Prazeres e a Vila Isabel em solo africano é tratado como um marco narrativo do desfile. As últimas alegorias devem representar essa união histórica, trazendo referências às peças, esculturas e exposições do festival de Dakar, conectando o carnaval carioca ao continente africano em uma celebração da diáspora, da ancestralidade e da força cultural negra.



'Sandiwara' será exibido pela Berlinale no dia 13 de fevereiro

Existe vida pós 'Anora'



Um ano depois de se consagrar em Hollywood com quatro Oscars, Sean Baker lança um curta no Festival de Berlim, 'Sandiwara', estrelado por Michelle Yeoh, a homenageada do evento

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Agendada para sexta-feira, às 11h45 (no horário da Alemanha), no Zoo-Palast, a projeção do curta-metragem "Sandiwara" na 76ª Berlinale está prevista para ser a sessão mais concorrida da maratona cinéfila germânica em seus primeiros dias, por unir dois ganhadores de Oscar que simbolizam (de um lado) independ-

dência criativa e (do outro) longevidade na indústria. Sean Baker, realizador americano coroado com quatro estatuetas da Academia de Hollywood, em 2025, por "Anora", dirige a atriz malaia Michelle Yeoh, oscarizada em 2023 por "Tudo Em Todo Lugar Ao Mesmo Tempo", nesse experimento de onze minutos. Sua estreia em telas alemãs se justifica pelo fato de Michelle ter sido escolhida para receber o Urso de Ouro Honorário deste ano, em reconhecimento a suas quatro décadas de carreira. Ver o Baker inédito instiga todo e qualquer cinéfilo, mesmo que seja uma narrativa de duração mignon.

Em "Sandiwara", Michelle emplaca o que promete ser uma atuação transformadora em meio à vibrante paisagem urbana de Penang, na Malásia. Sua trama celebra a herança culinária da Ásia e festeja o espírito indômito do cinema indie, do qual o diretor é um estandarte vivo.

"O cinema que eu faço trata de pessoas marginalizadas, que estão nas franjas da sociedade, vetadas da busca pelo chamado 'sonho americano'. A esperança delas gera idealismo", disse Baker em entrevista ao Correio da Manhã, em meio à vitória de "Anora", que foi incluída na mostra Os Melhores Filmes do Ano da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ), em cartaz na Caixa Cultural.

Este ano, a Berlinale terá como presidente do júri o diretor alemão Wim Wenders. Em 2025, a entrega do Urso de Ouro foi deliberada por um coletivo encabeçado pelo americano Todd Haynes, cineasta aclamado por longas de baixo orçamento ("Velvet Goldmine", "Ca-



@Priscilla Mars

O cinema que eu faço trata de pessoas marginalizadas, que estão nas franjas da sociedade, vetadas da busca pelo chamado 'sonho americano'. A esperança delas gera idealismo" SEAN BAKER

rol"), e ele rasgou elogios a Berlino, numa resposta ao Correio da Manhã: "Sean Baker começou a fazer seus filmes rodando com celular, numa prova de que nós, do cinema independente, abrimos novas avenidas para expressarmos nossa voz", disse Haynes.

Atestado audiovisual da saída criativa de uma seara autônoma aos grandes estúdios, "Anora" lançou sua candidatura ao Oscar assim que conquistou a Palma de Ouro no Festival de Cannes de 2024, em maio, coroando a autoralidade de seu realizador, Baker. A produção de US\$ 6 milhões faturou cerca de dez vezes o que custou. O selo de

qualidade autoral que Baker carrega há uma década, desde o sucesso de "Tangerina" (2015), vem não apenas de sua estética nevrálgica, de planos-sequência trepidantes, mas de sua recorrente imersão no dia a dia dos profissionais do sexo. Abordou a prostituição em "Projeto Flórida" (uma sensação da Quinzela de Cineastas de Cannes em 2017). Falou de um astro pornô em busca de emprego em "Red Rocket" (2021). Agora, seu novo longa, indicado ao Oscar em seis categorias (inclusive a de Melhor Filme), faz de uma stripper de 23 anos, Anora Mikheeva (ou Ani para os íntimos... e clientes), sua

personagem central. A atuação de Mikey Madison torna Ani uma figura tridimensional nos afetos, nas carências e na coragem de peitar machos escrotos.

"Durante a imersão que fiz no contexto social de trabalho a que Ani pertence, não ouvia relatos extraordinários sobre lascívia ou violência, mas sim desabafos de gente que tinha de correr para casa para estender a roupa no varal. É o tipo de depoimento que humaniza, que gera identificação", disse Baker ao Correio.

Este ano, o cearense Karim Aïnouz concorre em Berlim com uma produção estrangeira: "Rosebush Pruning". Ele teve um time estelar em seu elenco: Pamela Anderson, Tracy Letts, Callum Turner, Riley Keough, Jamie Bell e Elle Fanning. Espécie de releitura do cult "De Punhos Cerrados" (1965), de Marco Bellocchio, o novo Karim acompanha os conflitos de uma família que luta contra doenças genéticas no coração de uma propriedade rural.

Beth de Araújo, americana de São Francisco, filha de um brasileiro (de quem herdou nacionalidade), vai briguar por troféus com o diretor de "Madame Satã" (2002) com "Josephine", no qual uma menina de oito anos (Mason Reeves) fica mexida internamente após testemunhar um crime no Golden Gate Park. Channing Tatum é o astro de maior prestígio em cena no longa, que há dez dias, venceu o Festival de Sundance.

Entre os 13 títulos da competição paralela Perspectivas, dedicada a estreantes, e também divulgada na terça, o Brasil cavou espaço para si à força da atriz e dramaturga mineira Grace Passô (da peça "Vaga Carne"), que dirige "Nosso Segredo", narrando os conflitos de uma família às voltas com a perda do patriarca. A estrela das Gerais fez o cult "Temporada" (2018).

Além de "Nosso Segredo" e dos longas de Beth e de Karim, nove outras produções brasileiras, dos mais diferentes cantos do país, já estão confirmadas para a 76ª Berlinale, sem contar os anúncios desta terça-feira. Na seção Generation, entraram "A Fabulosa Máquina do Tempo", de Eliza Capai; "Quatro Meninas", de Karen Suzane; "Feito Pipa", de Alan Deberton; e a animação "Papaya", de Priscilla Kellen. No Fórum Expanded, Denilson Baniwa e Felipe M. Bragança levam "Floresta do Fim do Mundo" a telas germânicas. No Fórum, tem "I Built a Rocket Imagining Your Arrival", de Janaína Marques. Já no Panorama, comparecerão "Se Eu Fosse Vivo... Vivia", de André Novais Oliveira; "Isabel", de Gabe Klinger; e a coprodução paraguaia "Narciso", de Marcelo Martinessi. O longa de abertura da Berlinale será "No Good Men", da realizadora afegã Shahrbanoo Sadat, centrado nos conflitos de uma operadora de câmera de Cabul.

Duros de matar, bons de fazer rir

'Miami Vixe', sequência do sucesso do streaming 'Cabras da Peste', revive a dupla policial formada por Edmilson Filho e Matheus Nachtergael, com Samantha Schmütz de vilã

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Classificar sucessos de bilheteria mundialmente premiados como "Cidade de Deus" (2002) e "Tropa de Elite" (2007) de "filmes de ação" é um deslize analítico, pois ambos são thrillers de timbre social, nos quais a discussão dos conflitos inerentes ao desamparo na segurança pública conta mais do que tiros e perseguições. Quando se avalia as (raras e ralas) tentativas do cinema nacional em flertar com o filão que os americanos estetizaram entre a pólvora e a pancadaria, o exemplar mais legítimo em conexão com o que se fez lá fora, sobretudo a partir de "Máquina Mortífera" (1987) e "Duro de Matar" (1988), nasceu, em 2021, da coragem do realizador Vitor Brandt. Ele ousou fazer uma narrativa cuja adrenalina fosse a espinha dorsal, com toques de riso similares aqueles ofertados por Mel Gibson e Bruce Willis em seus dias de glória. Essa tal narrativa, "Cabras da Peste", nasceu Netflix. O caos da pandemia forçou o longa-metragem a escoar via streaming para o mundo, com o título gringo "Get The Goat". Deu tanto certo na plataforma – e bombou tanto na "Tela Quente" da Globo – que ganha, agora, uma parte dois, "Miami Vixe", em rodagem no Rio de Janeiro.

"Tô realizando um sonho de menino, pois eu cresci vendo esse tipo de trama na TV", celebra Edmilson Filho ao retomar o personagem Bruceuís ao lado de Matheus Nachtergael. "O desafio dessa parte dois é entender nossos vilões e entrar no ritmo, pois com Matheus já jogo a bola bem. Com a qualidade que nosso cinema alcançou hoje, conquistando prêmios pelo mundo, a gente tem todas as ferramentas para ousar brincadei-

ras como esta".

O João Grilo de "O Auto da Compadecida" (2000) retruca o afeto do colega na mesa dose, ao avaliar o futuro de seu personagem, Trindade: "Edmilson, do 'Cine Holliúdy' para cá, manteve lindamente o sotaque do Ceará dele, numa afirmação da sua brasiliidade. E eu encontro com ele, de novo, fazendo um filme pra molecada. O 'Cabras' é para a molecada de hoje, mas é também para a molecada que vive em nós", explica Nachtergael. "Eu li o roteiro do primeiro 'Cabras...' num gole, como se fosse uma HQ. A mesma leveza e o mesmo sentimento de dupla, com Edmilson, e de patota, com a equipe".

Uma estrela de alto quilate nas bilheterias (e na invenção) se une a eles numa figura que, a princípio, assume para si o arquétipo de vilã: Samantha Schmütz. A estrela de "Tô Ryca!" vive Sol Angel, uma cantora que surge como figura misteriosa (sei!) no caminho de Bruceuís e de Trindade (Nachtergael). Mas há algo de suspeito em suas maquinacões, que inclui uma paixonite de Trindade por ela.

"Aqui, não tem muito tempo para expressar a solidão que há nessa mulher. Ela é má e não tem muito filtro na hora de fazer o que é preciso para alcançar seus sonhos. Tem algo de Malévola, tem algo de 'O Diabo Veste Prada' e tem algo de Perpétua... mas do meu jeito, driblando os clichês da maldade", explica Samantha ao Correio da Manhã, numa visita a uma das locações, na Zona Portuária carioca.

Lá, numa boate em fervo, a investigação se desenha. Em "Cabras da Peste 2 – Miami Vixe", o policial cearense Bruce, o escrivão da polícia de SP Trindade e Celestina (uma cabra) vão para o Rio de Janeiro, onde precisam lidar novamente com suas diferenças enquanto se infiltram em um esquema criminoso.



Trindade e Bruceuís (Matheus Nachtergael e Edmilson Filho) voltam a combater o crime

“Tô realizando um sonho de menino, pois eu cresci vendo esse tipo de trama na TV”

EDMILSON FILHO

"Quando eu penso na tradição dos filmes de ação, lembro do Indiana Jones, com Harrison Ford: um herói que toma soco, tem medo de cobra e se arrepende de muita coisa do que faz. Esse heroísmo torto... que está também nos filmes do Jackie Chan... em meio a suas manobras de luta incríveis, é o que me atrai no gênero", diz o cineasta Vitor Brandt, cujo currículo conta com a joia "Romance .38" (2008).

"Sempre pensei que seu fosse fazer ação no Brasil, coisa que muita gente não achava ser possível, teria que encontrar a nossa medida, o nosso jeito, com heróis falhos, que fazem a coisa certa, mas do jeito errado... e com uma cabra. Neste filme, para viver a Celestina, eu tenho no set duas cabras... ambas cariocas".

Disponível na Netflix, o primeiro "Cabras da Peste" é uma narrativa que se preocupa tanto com a excelência plástica quanto com a força dramatúrgica do roteiro. Por neuroses sociológicas, o cinema brasileiro abortou investimentos em fórmulas de gêneros pop, que não fossem o horror - sobretudo aquela baseada em socos e pontapés - e tolheu a aposta em thrillers que mesclassem pancada e gargalhada, como a tetralogia "Bad Boys" (1995-2024). Diante

de um quadro tão azedo, o sucesso de uma produção que investe na vertigem de correrias a granel abre debates estéticos relevantes

para entender o futuro de nosso audiovisual em termos de sobrevivência de nosso mercado. Na embalagem, a saga dos "Cabras da Peste" se impõe pelo capricho visual da fotografia (o 1 era de Rafael Martinelli; o dois, de Pablo Baião), numa aeróbica de enquadramentos que sublinha o sentimento de justiça seus protagonistas. É pleno o seu alinhamento com o chamado buddy cop movie, jargão remonta a um formato esboçado no fim dos anos 1970, com Terence Hill e Bud Spencer em "Dois Tiras Fora De Ordem" (1977).

"A novidade nesse dois é que eu uso como arma uma prancha, um para-choque e um ferro de passar, num modo bem Jackie Chan mesmo", brinca Edmilson.

Com locações na Praia do Flamengo, na Glória e nos Arcos da Lapa, "Cabras da Peste 2 – Miami Vixe" foi escrito por Brandt e Dennis Nielsen. A produção é da Glaz e a distribuição, Paris Filmes.

CORREIO CULTURAL



Victor Jucá/CinemaScopio

Wagner Moura lidera o elenco de 'O Agente Secreto'

2 milhões já viram 'O Agente Secreto'

"O Agente Secreto", thriller de Kleber Mendonça Filho estrelado por Wagner Moura que concorre a quatro estatuetas do Oscar, já ultrapassou 2 milhões de espectadores nos cinemas brasileiros, número considerado alto para filmes nacionais.

O longa acaba de entrar na sua 14ª semana em cartaz. A tendência é que o público diminua conforme o tempo passa, mas as vitórias de

melhor filme em língua não inglesa e ator para Moura no Globo de Ouro, seguidas pelas indicações ao Oscar, podem ter impulsionado pessoas a verem o filme nas salas de cinema.

No ano passado, "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, que venceu o Oscar de melhor filme internacional, ultrapassou 5,6 milhões de espectadores no Brasil antes de sair de cartaz.

Desabafo de Wagner

Em entrevista ao jornal inglês The Guardian, Wagner Moura e Kleber Mendonça Filho falaram sobre ataques de grupos conservadores. "Kleber e eu estamos sendo atacados no Brasil neste momento. Há matérias dizendo que recebemos milhões de dólares do governo brasileiro", disse Moura, referindo-se a acusações de que teriam usado dinheiro público para financiar "O Agente Secreto". O ator lembrou que os ataques acontecem ainda que "o financiamento para as artes esteja previsto na Constituição brasileira".

Pacote de editais

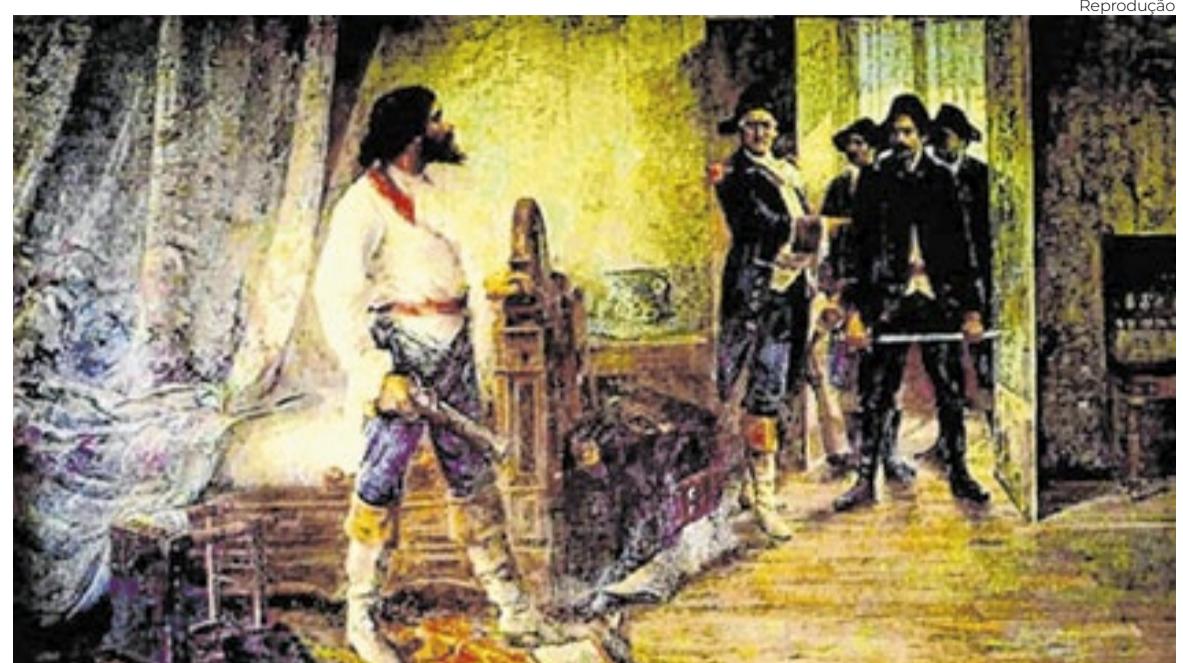
A Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (Seccerj) lançou sete editais, com aporte de mais de R\$ 31 milhões e cerca de 400 oportunidades para projetos culturais. A publicação trouxe novidades, com chamadas voltadas a linhas inéditas.

Pacote de editais II

O pacote de editais da Seccerj passa a apoiar práticas sustentáveis e ações de fomento a expressões culturais religiosas, além da reedição do edital de Mobilidades, que apoia a circulação de artistas fluminenses em todo o território nacional e também no exterior.

Neguinho com a agenda lotada

Neguinho da Beija-Flor estreia este ano um novo capítulo de sua trajetória no Carnaval. No primeiro ano após deixar o posto de intérprete oficial da Beija-Flor, função que exerceu por cinco décadas, o sambista cumpre uma agenda especial que inclui Rio, São João del-Rei, Piraí, Belém do Pará e a abertura do desfile da escola na Sapucaí como convidado especial.



O livro de Kenneth Maxwell mostra como textos constitucionais americanos foram reinterpretados pelo front da Inconfidência Mineira em 1788 e 1789 - ano da Revolução Francesa

O sonho de liberdade sem fronteiras

Kenneth Maxwell conecta Independência dos EUA a Inconfidência Mineira em seu livro 'A Globalização no Século 18'

ISADORA LAVIOLA

Folhapress

Lançado na última terça-feira (3), dia do aniversário do autor, "A Globalização no Século 18" (tradução livre do original "18th Century Globalization"), de Kenneth Maxwell, analisa a Independência dos Estados Unidos como um "modelo atlântico" que se expandiu para a Europa mas também para o resto do continente americano.

Segundo o historiador britânico, a revolução americana de 1776, que em 2026 completa 250 anos, serviu de mapa para outros movimentos além da conhecida relação com a Revolução Francesa, e circulou pelo resto do continente, inclusive pelo Brasil. Por aqui, esse projeto se materializou nos planos de uma república mineira, atingindo em cheio o Império Português da época.

O livro mostra como textos constitucionais americanos foram reinterpretados pelo front da Inconfidência Mineira em 1788 e 1789



O historiador britânico Kenneth Maxwell é um estudioso de assuntos brasileiros

cia como textos do constitucionalismo americano foram traduzidos, mal compreendidos e adaptados às condições locais de endividamento, escravidão e crise do Império português, resultando em projetos republicanos mais radicais do que os originalmente previstos.

Maxwell é brasileirista e um dos maiores especialistas estrangeiros em história do Brasil e de Portugal. "A Globalização no Século 18" é o quinto livro da sua série Portugal and Brazil Confront the Contemporary World (Portugal e Brasil enfrentam o mundo contemporâneo), na qual Maxwell analisa questões históricas, sociais, políticas e geoestratégicas do mundo de língua portuguesa.

Ao seguir a trajetória deste volume, concebido como instrumento de propaganda política e depois difundido em edições piratas nas vilas mineradoras de Minas Gerais, o autor mapeia uma rede transatlântica que envolve diplomatas, estudantes brasileiros formados no exterior e conspiradores da Inconfidência.

Neste percurso, o autor eviden-

Reprodução

Quando o deus Baco entra na folia

Vinho acompanha feijoada? Sim! Conheça as variedades que melhor harmonizam com o prato nº 1 do carnaval

AFFONSO NUNES

Afeijoada reina absoluta nas mesas de Carnaval. Enquanto a cerveja gelada ou a caipirinha su-regm como as parcerias mais óbvias, vinhos escolhidos com critério podem não apenas acompanhar, mas potencializar cada garfada, equilibrando gordura, sal e defumados com elegância.

O segredo está em compreender

que a feijoada exige vinhos com alta acidez, taninos moderados ou baixos e fruta fresca vibrante. Esses elementos cortam a gordura, refrescam o paladar e evitam que o tanino excessivo, somado ao sal e ao umami do feijão, gere amargor ou adstringência desagradável. Vinhos com estágio em madeira e álcool elevado tendem a pesar, enquanto a acidez viva limpa a boca entre bocadas e prepara para o próximo sabor.

Os espumantes brut ou extra brut, brancos ou rosés, despontam como aposta número um. Acredite: é infalível. A acidez elevada combinada à efervescência das borbulhas (pérlage) corta a gordura com precisão cirúrgica e harmoniza perfeitamente com a couve refogada, a farofa crocante e as rodelas de laranja. Espumantes brasileiros da Serra Gaúcha, servidos bem gelados entre seis e oito graus, oferecem versatilidade, frescor e custo-benefício imbatível.

Os tintos leves a médios, frutados e com taninos macios formam a segunda linha de frente. Aqui podem entrar castas como a Gamay,



A elevada acidez dos espumantes é a combinação mais segura entre vinho e feijoada, mas vinhos tintos com taninos moderados e frescor também podem fazer bonito na harmonização

Pinot Noir, Barbera, Dão, Chianti e Tempranillo (todas jovens) entregam acidez viva, fruta suculenta e estrutura delicada que não compete com o sal do prato. A chave está na temperatura de serviço levemente refrescada (entre 14 e 16°C), para preservar os sabores frutados e controlar a percepção de álcool.

Rosés secos e estruturados surgem como alternativa elegante e versátil, especialmente quando a feijoada é preparada de forma menos gordurosa ou acompanhada por elementos menos pesados. Servidos

entre oito e dez graus, transitam com desenvoltura entre a gordura das carnes e a acidez dos acompanhamentos. Para quem busca leveza extrema, brancos de alta acidez como Alvarinho, Arinto ou Riesling seco funcionam em feijoadas "light" ou com toques cítricos acentuados. Se há pimenta presente, espumantes brut com dosagem moderada ou tintos bem frutados dominam o picante, podendo-se recorrer a um Riesling off-dry para acalmar o ardor.

Tão importante quanto acertar é saber evitar armadilhas. Tintos

muito tânicos e encorpados – Tanat pesado, Cabernet Sauvignon musculoso, Syrah de clima quente com extração alta – brigam com o sal e geram adstringência incômoda ao paladar. Madeira marcada, com baunilha e coco evidentes, mascara o frescor necessário. Brancos muito aromáticos ou doces, como Moscatel e Gewürztraminer, e brancos fortemente barricados perdem completamente a função diante da complexidade do prato.

Vamos experimentar colocar o deus Baco na folia?

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

Desfile de sabores

Enquanto as escolas de samba escrevem seus enredos na avenida, o VerdeRosa O Camarote apresenta um espetáculo à parte. Assinado pela chef Heaven Delhaye, o projeto gastronômico acompanha o ritmo da Sapucaí e propõe uma sequência de sabores pensada para atravessar a noite, do primeiro surdo que chama ao último aplauso que ecoa na memória. A experiência é amplificada por uma curadoria de bebidas de excelência, onde cada prato encontra seu par perfeito em taças e copos que traduzem a sofisticação, identidade e celebração.



Divulgação

Alma morena

O Buffet Capim Santo, da chef Morena Leite, estreia uma panetteria na segunda edição do Camarote Alma Rio, na Sapucaí. A grande novidade é a vitrine de minisanduíches artesanais e hambúrgueres, pensados especialmente para o espaço. Entre os sanduíches, há combinações como focaccia com mortadela e burrata, ciabatta com salaminho italiano, baguete de berinjela grelhada e opções integrais e vegetarianas. O bufê mantém o menu farto com pratos quentes e frios, incluindo paellas de arroz negro com frutos do mar e à valenciana.



Divulgação

Cantina ítalo-carioca

Com proposta inédita entre cantina italiana e botequim carioca, o Giancarlo abre em Botafogo resgatando o romantismo das casas clássicas. Idealizado por Edu Araújo e Jonas Aisengart, tem cozinha comandada por Matheus Zanchini, ex-Borgo Mooca (SP). O cardápio é descomplicado e democrático, sem ordem rígida, com couvert gratuito de focaccia feita na casa. Entre os destaques estão cicchetti, massas, risotos e pratos com sotaque carioca, como o porco à passarinho. O ambiente remete às antigas cantinas italianas.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

O Rio é um poema

Já estava com saudades de tantas nuances, desse trem das cores abusado em códigos Pantone® do alvorecer, do céu explodindo em ancentíbio ton sur ton, prenunciando um sol mais impoluto que nunca. Surgindo no horizonte, literalmente na linha do firmamento. Vaidoso, fazendo seu espetáculo malabar sob e sobre as nuvens que, carinhosamente, o refletem, acohem e embalam.

Já clareia mais cedo, antes das 5h temos os primeiros raios rútilos no firmamento. São os primeiros brilhos, os primeiros acordes da sinfonia chamada "Alvorada Carioca" que dará o tom ao dia que se inicia em pompa e verso. Composta em tons não musicais, mas de cores e acontecimentos. Podemos dizer que cada uma das nuances, das cores, representam uma nota e que, este conjunto de notas uma ode ao Rio. O Astro-Rei marca presença!

A construção de concreto armado, encimada pela 'Parabólica Camará', enciumada com tamanha beleza, apenas olha longamente e contrastava com tantos tons e semitons de amarelo-lilases. Através da objetiva, o percebo, entre raios, luminosidade e equilíbrio sobre a cumulus nimbus. Há um pássaro como uma das fragatas que, ainda ensaiam seu balé matinal, com todo açúcar e muito afeto, muitas vezes descompassadas de amor.

Os pássaros de aço que agora, insistem em dividir o firmamento com o Febo, só se apresentam em aterragens e decolagens após a primeira hora do Ângelus e já são muitos. Logo com o Astro do Dia que já divide os céus com a Lua que anda toda faceira a iluminar, vespertinamente, a Cidade Maravilhosa, porque há nos céus guanabarinhas uma irresistível e impassível Lucina minguante.

Não há nuvens densas no éter, onde se equilibrará o Sol para seus malabares? O páramo está translúcido, límpido. Ainda é possível ver Nictheróy. Já que não há nuvens, safo, o sol ensaiaria seus movimentos de equilibrista na encosta da montanha. Vem como se fosse uma bola de sabão incandescente. Completando a consonância, ao longe os sons de sabiás-laranjeira, bem-te-vis e maritacas-cara-preta espalhafatosas a fanfarronas, concluem os acordes deste hino, poema musicado. O Rio é a 'Flor do Lácio' bilaquiano.

